

Dublagem e legendagem no cinema – perdas ou ganhos?

Eliana Márcia dos Santos Carvalho¹

ecarvalho@uneb.br

Introdução

Para que possamos usufruir tudo que um filme pode nos oferecer, precisamos estar atentos às legendas, imagens, figurinos entre outras coisas. Quando estamos no cinema ou em casa para assistir a um filme ou qualquer produção internacional, com certeza utilizaremos os recursos da dublagem ou legendagem para que possamos atingir a compreensão de forma satisfatória. Entretanto o trabalho do tradutor responsável pelo alcance da compreensão da obra, através da dublagem ou legendagem, passa despercebido pela maioria do público.

Este trabalho espera mostrar o valor e a importância desses profissionais que ao longo da história do cinema, facilitam o acesso a tantas histórias e contextos sociais que provavelmente passariam de forma adversa sem despertar interesse e curiosidade por outras culturas, outros povos, não fosse o trabalho do tradutor.

O mercado apresenta profissionais na área de tradução nas mais diversas especificidades e qualificações. Podemos observar que aqui no Brasil, nas últimas décadas vem acontecendo uma maior valorização e conseqüente melhor qualificação desses profissionais.

Refletiremos aqui sobre o processo de dublagem e legendagem no cinema, enfatizando suas diferenças, falhas e aspectos peculiares.

1 – Conceito de tradução e tradutor

Antes de começarmos a aprofundar no trabalho de tradução no cinema, vale apresentar uma breve definição para tradução e tradutor. De acordo com Geir Campos(1987: 7), “ o verbo traduzir vem do verbo latino *traducere* , que significa ‘conduzir ou fazer passar de um lado para outro’, algo como atravessar”. É como se pegássemos o leitor ou expectador pela mão e tentássemos chegar ao outro lado da ponte com uma ampla compreensão daquele novo ambiente ou história que ele vai passar a conviver a partir daquele momento. Geir Campos(1987: 13) ainda salienta:

O besouro é um animal que tem tudo para não poder voar: o corpo é rombudo, as patas não se recolhem, as asas são enfiadas nun estojo de cascas duras ... mas, apesar de todos os pesares, o besouro voa e muito.com o tradutor dar-se-á a mesma coisa: cada texto é um complexo de dificuldades aparentemente intransponíveis, lingüísticas e não lingüísticas: entender o que

1

o autor disse e o que ele quis dizer, na língua dele, é difícil ;dizer na língua da gente o que se entendeu na língua original, não é fácil ...”

O tradutor pode ser compreendido como o sujeito que exerce o papel de permanecer “transparente” durante essa passagem. Deve manter-se fiel ao texto original, não imprimir suas impressões pessoais, tornar-se invisível. É claro que não é um trabalho fácil nem simplista. É preciso conhecer a obra que se traduz, o público a que se destina, o contexto em que o autor a escreveu, e é claro, ter um bom conhecimento da língua fonte e da língua alvo.

Catford (1980:23 – 24) define a tradução como “a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra”. Esta definição mostra que o tradutor precisa colocar o leitor/expectador em contato com a obra original com a menor interferência possível, pois o bom tradutor não deve ser lembrado, e geralmente só se lembra do tradutor quando a tradução é de má qualidade.

É possível que haja “infidelidade” no trabalho de tradução como acentua o famoso trocadilho italiano *traduttori-traditori*, pois é muito difícil efetuar o processo de tradução sem que haja interferência na obra original. A tradução é de competência do tradutor e cabe a esse profissional levar as obras aos expectadores/leitores de forma compreensível e prazerosa. É possível até que o tradutor faça uma adaptação do texto para torná-lo mais acessível e há quem condene esse tipo de atitude e busque traduzir o texto da forma que o original se encontra e ao expectador/leitor fica a missão de identificar o que foi dito ou escrito. Percebemos esse fato muitas vezes, na tradução de piadas. Estas têm um sentido específico na língua na qual foi criada, devido ao seu contexto e cultura. No entanto, quando fazemos a sua transposição para outra língua, a mesma, muitas vezes, perde o sentido, deixando aqueles que a ouvem sem graça, pois não encontraram sentido naquilo que lhe foi apresentado.

A psicóloga norte-americana Keith Bosley afirma que “tradução é uma língua fazendo amor com outra”. Desta definição tão subjetiva e que possibilita mais de uma interpretação, podemos listar alguns requisitos necessários para uma boa tradução:

- Gostar do trabalho que se faz;
- Conhecer as duas línguas com as quais se está trabalhando;
- Conhecer a época em que a obra foi produzida;
- Saber a qual público a obra se destina;
- Manter-se fiel ao texto original;
- Ser criativo.

O bom tradutor precisa também ser humilde e aceitar que o erro é possível, mesmo diante de pequenos obstáculos.

2 – A tradução e o cinema

Acreditamos que o tradutor de cinema precisa ser um bom contador de histórias. Além de precisar saber contar histórias, precisa também ser um bom ficcionista. Esses dois fatores são determinantes para o sucesso de um filme, independente do seu gênero. Necessária se faz também a agilidade criativa nos momentos de comédia, farsa, suspense, terror, etc, a fim de que o expectador que não conhece a língua possa entendê-lo.

O trabalho do tradutor exige também, uma pesquisa minuciosa. Hoje em dia, o profissional de tradução conta com recursos que lhe permitem acesso simultâneo à obra

escrita e as bandas de áudio e vídeo e o profissional de tradução cinematográfica precisa de tempo para fazer um mergulho na obra, a fim de possibilitar a contextualização na história, pré-produção dos roteiros produzidos, pois é a prática incessante dos roteiros preliminares do filme e a sua imagem e o áudio que serão utilizados na etapa das correções, falhas, cortes e recortes de cenas nos frequentes casos de remontagem do original. Não podemos esquecer da adequação estilística da tradução à riqueza de informação extralingüística presente nos outros recursos semióticos da obra e a parte gráfica, além das técnicas de dicção e mais especificamente as regras de editoração e legendagem.

A legendagem de mídia é um tipo de tradução na qual discursos falados são lidos em outras línguas pelos expectadores. Renato Rosemberg (2003:164) afirma que,

... o grande público, e, pior, boa parte da imprensa, ainda confunde o trabalho de tradução para dublagem com o de tradução para legendagem. Há diferenças profundas entre os dois, a começar pelo próprio destino do texto traduzido: enquanto na legendagem ele é apresentado diretamente ao público, e, portanto, tem que ser escrito segundo a norma culta, na dublagem ele serve de base para que o ator o interprete, o que nos deixa mais a vontade para escrever como cada personagem falaria...

É preciso ainda estar atento ao cenário, figurino, fotografia, pois todo esse contexto facilita a compreensão da história que está sendo apresentada. A legenda não é só a tradução do texto, mas de toda a imagem visualizada.

3 - Legendagem e dublagem

A dublagem e a legendagem de filmes são as áreas de maior alcance do público, porém as suas técnicas são pouco conhecidas.

Na legendagem há dois limites básicos: o número de caracteres que cabem na tela e o tipo de leitura proporcional ao número de caracteres. É importante saber também, que o número de caracteres da legenda é calculado de acordo com o tempo disponível para a leitura. A legendagem de filmes tem determinados parâmetros físicos que impõe limites à tradução. O mais importante deles é que uma legenda geralmente não pode ter mais de 60 caracteres divididos pelas duas linhas da tela. A esta condicionante temos que juntar o fato de que o tempo de leitura e a capacidade do leitor poder compreender a legenda ser de cinco a seis segundos, o que nos dá outro elemento importante para a abordagem desta técnica. Estes limites impõem restrições à extensão do texto que pode ser inserido nas legendas pelo que não só terá de ser resumido, até mesmo, substancialmente simplificado na sua leitura. É preciso estar atento ainda às cores das letras das legendas. Muitos estúdios de tradução falham ao não observar este aspecto. O amarelo é uma cor ideal, pois nem sempre o fundo (cenário) proporciona uma visualização nítida do que é apresentado para que o expectador leia.

O processo de tradução para legendagem traz ainda outras particularidades. O material que serve de base normalmente é falado, caracterizado por oclutações, hesitações e traços emotivos e gestuais sempre presentes, configurando intenções paralelas ao que é efetivamente

dito. Entende-se que a legenda não é a tradução só do texto, mas também da imagem sempre carregada de muita informação. Entretanto, nem sempre ocorre a possibilidade de aliar imagem e legenda, levando o expectador a perder o prazer de contemplar a imagem, o que inevitavelmente vai gerar um resultado errôneo, desarmônico e insatisfatório.

Na dublagem ocorre o contrário, pois é necessário respeitar a métrica, avaliar o movimento labial e a interpretação dos atores. Neste caso o texto do filme apresentado deve ser bem natural. Podemos lembrar que muitos atores são conhecidos por suas vozes, dicção e sotaque que expressam emoção para demonstrar paralelamente o que está sendo interpretado. Ainda de acordo com o tradutor Renato Rosenberg (2003: 166),

Na tradução para a dublagem a experiência conta muito. Pessoas recém formadas em Inglês, por exemplo, não são as melhores tradutoras. Para se começar nessa área específica ainda conta mais um bom período dentro do estúdio para acompanhar os principais problemas que as traduções literárias ocasionam e para que possam ver como os dubladores costumam ‘cortar o texto para caber na boca’.

Na atualidade, os estúdios de tradução e versão cinematográfica oferecem muitos requisitos tecnológicos para “facilitar” o trabalho do tradutor: computador, Internet, microfones, fones de ouvido - e todo um serviço de áudio que tornam os diálogos e sons a serem traduzidos cada vez mais “limpos”, possibilitando ao tradutor e intérprete uma aproximação mais nítida do trabalho que vai realizar.

Deixar específico qual a melhor opção, se a dublagem ou a legendagem não é tarefa fácil, pois ambos aspectos tem suas perdas e ganhos. Podemos estar preterindo o nosso idioma quando optamos pela legendagem, em compensação corremos o risco de ouvir sempre “as mesmas vozes” quando fazemos opção pela dublagem.

Deparamos então com um impasse: Será que precisamos ter conhecimento de **todas** as línguas do mundo, para que não percamos a essência do filme?

4 – Falhas na tradução cinematográfica

Na dublagem, o público é muito variado: desde o infantil àqueles específicos de documentário especializado que exigem pesquisa técnica. Na tradução de filmes há vários pontos que devem ser observados, como aspectos culturais e cotidianos, produtos e personalidades. As técnicas de dublagem e legendagem são muito específicas e diferentes entre si: na legendagem o original está ali para ser comparado com a tradução que possibilita a visibilidade dos erros; enquanto que na dublagem o mais importante é a história a ser transmitida e cabe ao dublador cuidado com o movimento dos lábios, para que seu texto não fique maior do que o que foi de fato pronunciado. Nesta situação o expectador não tem parâmetros de comparação.

Utilizaremos um exemplo para ilustrar as perdas lingüísticas decorrentes dos “erros” de tradução: Nick Marshall (Mel Gibson), protagonista de “Do que as mulheres gostam”, assiste a um jogo de basquete pela televisão. Um dos jogadores se prepara para arremessar a

bola e as palavras de Nick aparecem na legenda: moça, moça, moça! Na verdade ele torcia: erra, erra, erra! (miss, miss, miss!). Quem acabou errando foi o sujeito que fez a legenda para a versão brasileira. Temos ainda títulos de filmes que têm uma tradução que chegam a impressionar:

Título original: “ Analyse that” - tradução: “ A máfia volta ao divã”

“ The soud of music” - tradução: “a noviça rebelde”

“Airplane” – tradução: “apertem os cintos... o piloto sumiu”.

“ Giant” – tradução: “ Assim caminha a humanidade”

“ The tuxedo” – tradução : “ o terno de 2 milhões de dólares. Portanto, os erros são possíveis e até mesmo um profissional de tradução não imagina que os pode cometer e não espera as armadilhas com as quais pode deparar.

Na dublagem para cinema o profissional não sofre tanta censura. Tem mais liberdade de expressão. Geralmente o que chega às salas de cinema passou por uma grande quantidade de exigências quanto à qualidade final, levando a tradução a ser um pouco mais demorada, porém, com muito mais perfeição. Por outro lado, na legendagem, o espaço dos caracteres é limitado e faz com que o texto original seja reduzido, tenha sua idéia simplificada para caber num espaço determinado, fazendo com que as características e sutilezas do texto se percam.

O mundo filmico é fantástico e fascinante. Transporta aquele que assiste a mundos inimagináveis, mexe com a emoção, a criatividade, a imaginação. Transfere-nos para um mundo onde a nossa imaginação sozinha não poderia alcançar. O cinema nos conduz a um mundo utópico onde vigora e impera o sonho e a fantasia como condutores da diversão e entretenimento. Por vezes ouvimos alguém dizer: - não gostei do filme. O livro é muito melhor. Fazer esta comparação é inadequado, pois o cinema possui recursos que obviamente não encontramos na linguagem escrita. É outra realidade, outra linguagem. No cinema o fator tempo é de vital importância, o que provavelmente “modifica” a obra original no intento de levar ao expectador a história original. A tradução de cinema nem sempre será perfeita, porém nos proporciona a essência das obras que estamos assistindo. As mudanças sempre ocorrerão na intenção de proporcionar ao público o melhor da estória, sem perder o fio condutor da obra original.

5 – Referências

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Editora Atica.
- BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail *Conversas com Tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- COSTA, Luis Angélico. *Limites da Traduzibilidade*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 1996.
- MILTON, John ; AUBERT, Francis Henrix. *Anais do VI Encontro Nacional de Tradutores : Integração via Tradução*. São Paulo: Humanitas Publicações FFCLH/USP, 1998.
- MOUNIN, Georges. *Os Problemas Teóricos da Tradução*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.